

# António Barros: A Arte da Transfiguração e do Deslocamento<sup>1</sup>

Rui Torres

*Universidade Fernando Pessoa; ICNOVA*

A obra de António Barros emerge de uma fricção entre a matéria e a palavra, uma interação que supera as barreiras do material e do imaterial. A relação que estabelece com o mundo material é, acima de tudo, um gesto de transgressão: o mundo não está aí para ser utilizado ou descartado, mas para ser interrogado. O seu percurso de cinquenta anos mede-se pelo fulgor da transfiguração.

A partir da matéria instável, os seus objetos aparecem em mutação. Na densa tessitura dos seus gestos, ecoa o desejo de *inFormar*. A palavra que inscreve na matéria não se esgota na transmissão, antes se modela, reeduca. A sua poética não se limita a normas predefinidas; surge como um rasgão, um desvio que perturba e ilumina, deslocando a matéria até atingir o seu ponto de ignição simbólica.

Neste contexto de diálogo entre matéria e palavra, é o silêncio que emerge como central, abrindo uma porta para o desconhecido, esboçando sementes para uma nova inteligência: a inteligência natural das coisas vivas e dolorosas. O encontro com a criação do autor é um rito iniciático: queima, purifica (é *Inflamatio*) e desvela camadas profundas de significado. Um fogo que consome e ilumina, que desassossega e transfigura.

A partir deste rito de iniciação, não encontramos conforto, mas sim uma arqueologia da inquietação, uma poética que devolve ao espectador não um mero objeto de contemplação, mas uma ferida aberta que exige envolvimento. Uma pedra que espera florir, como diria Raul Brandão, com o qual também partilha uma dimensão alquímica do percurso, do caminho a percorrer.

---

1 Este texto é um ato de devoção, concebido para alimentar um momento único e irrepetível. Originalmente pensado para existir apenas como manuscrito, seria queimado após a leitura. Fora do seu contexto próprio, poderá soar estranho. Trata-se de um texto vivencial, destinado a ser vivido — uma recusa consciente da lógica da *hiperpublicação* e da *hiperdocumentação*. É, acima de tudo, um texto oral, e, nesse sentido, afasta-se da tradição académica, podendo mesmo ser lido como um gesto anti-académico. Revisito nele inquietações que já me acompanharam em outros textos dedicados ao autor.

*In: Mesa Redonda: António Barros, 50 anos de obGestos de esGrita (22 março 2025). Jornadas Internacionais Poesia e Performance III: Resistência & Regeneração. Com Augusta Villalobos, Isabel Santa Clara, Maria Estela Guedes e Rui Torres. Moderação: Sandra Guerreiro Dias. Org. Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Casa Comum – Reitoria da Universidade do Porto.*

E poesia, poesia porquê? Poesia porque, embora a sua obra não resida *exclusivamente* no verbo, mas no gesto, ela se reencena e se recria constantemente, recusando a definitividade e recuando diante da permanência e da fixidez. A sua poesia enlaça-se com toda uma pedagogia.

O papel educador dos seus poemas torna os seus atos num corte, num deslocamento simbólico da gramática do real. Esta dimensão pedagógica do gesto poético liga-se, de modo tangencial mas persistente, a tradições de resistência e experimentalismo, embora não se limite a nenhuma destas etiquetas. António Barros é *deseducado*, no sentido de que propõe um rompimento com as convenções e expectativas estabelecidas. A sua abordagem incita o questionamento e convida-nos a desaprender para que possamos resistir e regenerar.

A sua poética escapa, assim, ao tempo, fintando as categorias temporais e convidando a uma reflexão atemporal. Não é documento, não tem 50 anos. A febre que a anima é a do pensamento em agitação, da inquietação constante, daquilo que não aceita ser reduzido a um produto. O que o interessa é a guerrilha, a guerrilha urbana.

O que sempre surpreende nos seus enunciados são as passagens que convoca, os limiares que fabrica, os desvios que idealiza. De certo modo, António Barros está sempre em exílio: *AuSente*. A sua reflexão é sobre a identidade e o abandono. A sua poética *insular* habita ainda uma ilha imaginária, essa ilha utópica a partir da qual engendramos coletivamente uma resistência.

Mas a ilha que cremos habitar é também rodeada de névoa(s): é ilha-enigma, o vago e a errância. Como leitores, o desejo é que as suas *artitudes* nos ensinem – que nos deseduquem –, com os seus passos sem volta, os pontos de chegada que logo convidam para um novo percurso. A sua poesia não está, portanto, no texto, mas no gesto que o desloca. E a sua arte, sempre inacabada e recontextualizada, serve-nos como um chamamento ao pensamento e à transformação.

António Barros escreve com a matéria viva do mundo. O seu gesto artístico não se lê: atravessa-se. Como um grito, um silêncio tenso, recusando esta condição ofuscante e obtusa, consciente do flutuante.

Criador, operador, educador: em luta, lutando por um mundo melhor. Construindo um projeto que convoca a realidade humana. Uma realidade densa, marcada por dificuldades e desafios, e ainda assim porosa. Um percurso que é o oposto da superficialidade, da ligeireza. Um percurso feito de errâncias – do indefinido e do incerto – eventualmente, até, de erros.

Essas procuras resultam na revisitação que opera com as suas obras, transpondo-as, refazendo-as para contextos expositivos distintos, alterando, melhorando, recontextualizando: curando. Uma arte da cura e da curadoria. Refazendo as suas obras, António Barros refaz-se, refaz-nos.

A obra de António Barros é religiosa, se não no sentido etimológico encontrado em *religare*, vinculando o ser humano e o divino, pelo menos na também reconhecida origem em *relegere* (“reler”, “rever atentamente”), ligando-se àquilo que exige refletir, examinar, revistar. Uma obra experimental, onde se põem à prova os limites — e a resistência — da matéria, e se exploram os limiares — e a regeneração — das formas.

Ernesto de Melo e Castro escreveu que a obra de Barros nos coloca “imediatamente na frente de enigmas”. Para Melo e Castro, “essa *coisidade* inquietante” partilha de um certo espírito medieval. Como que se houvesse algo de epifânico a devorar a nossa, e a própria vida do autor, quando nos posicionamos perante os seus enigmas.

Neste itinerário errante, os seus trabalhos cruzam-se em diálogo com outras vozes. São, por isso, *heterogéneros*, envolvem-se de uma polifonia, inclinam-se para o dialogismo e para a heteroglossia. E dialogam: com António Aragão, Herberto Helder, Lourdes Castro, José Tolentino Mendonça, Clarice Lispector. São da ordem do íntimo e do revelado, da viagem interior. Talvez até do Amor.

Aprecio a dimensão misteriosa e complexa da sua arte, com uma qualidade ambígua e indeterminada, desafiando a perceção e exigindo uma aproximação mais profunda. Ao representar o lado oculto e não revelado das coisas, apresenta-se com um processo em constante reconfiguração e pesquisa.

Na arte de António Barros, a cura é inseparável da resistência, como a transfiguração é inseparável do gesto de atravessar e refazer o real. Cada obra é, assim, um acto de regeneração inquieta, um chamamento contínuo à transformação do mundo e de nós mesmos.